

A ARQUITETURA ECLÉTICA NA PRODUÇÃO DA PAISAGEM GARANHUENSE ENTRE 1887-1920

THE ECLETIC ARCHITETURE ON PRODUCTION OF SCENERY GARANHUENSE BETWEEN 1887 - 1920

ARQUITECTURA ECLÉCTICA EN LA PRODUCCIÓN DEL PAISAJE GARANHUENSE ENTRE 1887-1920

FERREIRA, CLEYTON JOSÉ DE SOUSA

Mestrando em História pelo PPGH-UFCG, ICOMOS e profcjf@gmail.com

RESUMO

A arquitetura eclética foi uma das peculiaridades características da história de Garanhuns/PE entre os anos de 1887 e 1920. Neste período é possível perceber como a paisagem e o seu espaço urbano foram transformados pela chegada de novos habitantes que trouxeram de suas localidades originais, dentre outras coisas, o ecletismo arquitetônico para a cidade. Garanhuns foi, literalmente, aberta para acomodar um novo cidadão. Este, em grande medida, incentivado pelo discurso inerente ao período de transição política entre o Império e a República, trouxe consigo os elementos que produziram uma paisagem específica, moderna, eclética para a cidade. Tal processo não se deu apenas na estética; ele fora também político, econômico, tecnológico, comunicacional e sobretudo social. Vale ressaltar que esta abertura para atender as necessidades de alguns e retirou outros cidadãos que já se encontravam neste espaço urbano.

PALAVRAS-CHAVE: ecletismo; arquitetura; história, paisagem urbana, espaço urbano.

ABSTRACT

The eclectic architecture was a peculiarity characteristic of Garanhuns/PE history between Years from 1887 and 1920. In this epoch is visible like the scenery and your urban space were transformation by coming of foreign habitants who brought from your original localities, between others things, the eclectism architecture to Garanhuns/PE. This city was, literality, opening to acomodation this foreign Citizen. Who, in largely, encouraged by the speeches from period of transition to imperial and republican, brought the elements what making a especific scenery, modern and eclectic to the city. This process don't was Only in estetic; he was also politic, economic, tecnológico, on comunication and above all social. It is worth highlighting that, for this urban opening server the necessities of somebody but rule out others Citizen also necessitating who compartilhed this same urban espace.

KEYWORDS: ecletism; architecture; history, urban scenary, urban espace.

RESUMEN

La arquitectura ecléctica fue una de las peculiaridades características de la historia de Garanhuns/PE entre los años 1887 y 1920. En este período es posible comprobar cómo el paisaje y su espacio urbano se fueron transformando con la llegada de nuevos habitantes que trajeron desde sus orígenes ubicaciones, entre otras cosas, eclecticismo arquitectónico para la ciudad. Garanhuns se abrió literalmente para dar cabida a un nuevo ciudadano. Esto, en gran medida, alentado por el discurso propio del período de transición política entre el Imperio y la República, trajo consigo los elementos que produjeron un paisaje específico, moderno y ecléctico para la ciudad. Este proceso no sólo se dio en la estética; también fue político, económico, tecnológico, comunicacional y sobre todo social. Cabe mencionar que esta apertura fue para atender las necesidades de unos y depurar a otros necesitados que ya se encontraban en este espacio urbano.

PALABRAS CLAVE: ecletismo; arquitectura; historia, paisaie urban, espacio urban.

INTRODUÇÃO

A cidade de Garanhuns é a principal cidade dentre os 26 municípios do Agreste Meridional do Estado de Pernambuco e a que apresenta o maior acervo arquitetônico de linguagem eclética contando, atualmente, com mais de quarenta edificações. Esses edifícios representam uma parte material do seu processo de transição entre vila e cidade. Essa linguagem arquitetônica é o objeto central deste estudo.

A povoação de Santo Antônio de Garanhuns foi elevada à Vila em 1811, e elevada à cidade, em 1879. Após esta mudança, acelerou-se o processo de estruturação de uma paisagem dentro de um espaço urbano que se compunha, coexistindo com outras linguagens, de um predomínio do ecletismo em suas edificações. Os hábitos e a estética urbanística antiga mesclaram-se às novas tendências trazidas pelos europeus que vieram ocupá-la entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

O objetivo deste artigo é fazer uma análise histórica da implementação desta linguagem arquitetônica, desde seu advento em nível Nacional e Estadual, e por fim garanhuense, refletindo a respeito das mudanças paisagísticas e urbanas que foram desencadeadas após a chegada dessa nova tendência arquitetônica, o presente em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Recife, entre tantas outras capitais.

Revisitando os trabalhos dos primeiros cronistas que se debruçaram em escrever sobre a história de Garanhuns, será possível perceber que esta arquitetura eclética, é um elemento histórico de um determinado período da cidade.

Em Garanhuns o ecletismo foi enaltecido, por escritores como Alfredo Leite Cavalcanti (1968), como parte de um processo de “modernização da cidade”, uma nova ocupação desta, como se poderá constatar.

O advento da melhoria nas comunicações é outra questão a ser discutida no presente artigo. Com a chegada da linha férrea em Garanhuns (1887) é nítido que houve uma significativa melhora na troca de influências entre as regiões do Estado/Província de Pernambuco. E os elementos que compuseram esta estruturação do espaço urbano – consequentemente em sua paisagem – foram trazidos nos vagões do trem que sua estação, também possuía como linguagem o ecletismo.

Os migrantes e imigrantes que receberam incentivos para se estabelecer em Garanhuns naquele período também foram imprescindíveis neste processo. As famílias e instituições estrangeiras têm papel fundamental para o ecletismo na cidade. Elas trouxeram a nova tendência arquitetônica que se tornou a publicidade do desenvolvimento da localidade, atraindo mais interessados e atuando direta e indiretamente na abertura de novos espaços para sua instalação, a cidade foi literalmente aberta ao estrangeiro, que trouxe consigo suas expressões culturais.

Indagar sobre estas dimensões espaciais, paisagísticas e históricas deve ser parte do trabalho dos novos historiadores locais. Nos textos produzidos por escritores locais como Alfredo Leite Cavalcanti (1968), José de Anchieta Gueiros Viana de Barros (2020) encontrarão os elementos que dão amparo a esta história. E é parte imprescindível do ofício do historiador fazer as devidas e criteriosas revisões, acréscimos e críticas ao discurso predominante.

Partindo das fontes como textos e imagens produzidas - da paisagem - da cidade em meados do século XX, os escritores e fotógrafos que relataram suas percepções da cidade, e a literatura nacional e internacional a respeito da arquitetura será possível traçar um panorama do ecletismo no recorte histórico-geográfico proposto.

As fotografias e os textos produzidos sobre Garanhuns serão revisitados para obter uma imagem desta composição paisagística urbana de arquitetura eclética. Situadas no final do século XIX, farão parte do corpo deste artigo. Ilustrando as transformações, fornecendo referências e dando estrutura a esta projeção.

A metodologia da pesquisa baseia-se em Serra (2006) em um entendimento que entre sistemas e processos há uma forte interação formando um espaço social complexo em constante evolução. E para tanto, será analisado qualitativamente os textos e imagens produzidas pelos autores que discutiram o ecletismo enquanto movimento em algumas regiões no Rio de Janeiro (Capital do Brasil à época), Recife; Capital de Pernambuco e na Vila/Cidade de Garanhuns Capital do Agreste Meridional pernambucano.

As ressonâncias produzidas pela adoção do ecletismo e em nível nacional e estadual nas cidades portuárias e capitais, gera um atrito social no interior dos sertões e os resultantes desta interação são os novos hábitos, cidadãos e uma paisagem repleta de edificações com arquiteturas ecléticas. Não obstante, o eurocentrismo que perdura em muitas localidades até os dias atuais.

Haverá um breve relato sobre o processo de implementação do ecletismo nos três níveis (nacional, estadual e local) trazendo suas peculiaridades geográficas. No que concerne a Garanhuns será feito uma discussão em torno das

primeiras edificações trazidas pelos migrantes e imigrantes. Uma discussão sobre o ecletismo como parte da formação de um espaço social daquela época e conseqüentemente a estruturação de sua paisagem urbana após sua elevação a categoria de cidade.

O termo utilizado para se referir turisticamente a Garanhuns é “Suíça Pernambucana”, o clima serrano é o argumento para esta classificação. E em grande medida foi utilizado para atrair mais imigrantes europeus, migrantes brasileiros e a intelectualidade que identificavam a Europa como o modelo de civilização a ser seguido no final do século XIX, atraindo uma pequena burguesia que viria a se consolidar na cidade.

A TRANSIÇÃO ENTRE MODOS DE PRODUÇÃO E HABITAÇÃO

Entre o final do século XIX e o início do século XX algumas cidades brasileiras passavam por um processo de transformação que refletiria significativamente em sua paisagem. Este evento às vezes aparece em algumas cronologias como “modernização” do espaço urbano. Via de regra, isto implica dizer que houve adoção e implementação de novas técnicas para a produção arquitetônica que impactaram em um novo espaço urbano e conseqüentemente, numa paisagem urbana condizente com este; mas não apenas. Um novo habitante; migrante, imigrante ou conterrâneo que se deslocava do campo para a cidade, também fazia parte deste processo.

O fim do regime escravagista, o processo gradual de industrialização, o êxodo rural e a chegada de migrantes e imigrantes; também são fatores fundamentais na produção de uma nova cidade e de um novo cidadão. Este, não rompia severamente com a estrutura social aristocrática que herdara, porém não poderia mais ser um continuador de determinadas práticas da velha estrutura.

Na arquitetura, a sobreposição e justaposição de linguagens estilísticas europeias com a mescla de linguagens tradicionais do período colonial produziu uma arquitetura específica dos sertões brasileiros: O ecletismo. Muitas vezes a escassez de mão de obra qualificada, a influência das metrópoles, o aprimoramento nos meios de comunicação e a formação de uma pequena burguesia de aspirações liberais; produziram um espaço urbano complexo e uma arquitetura eclética característica do final do século XIX.

Numa cidade como Garanhuns, no interior de Pernambuco, distante 230 km da Capital do Estado (Recife), este fenômeno teve um profundo impacto em sua geografia. A sua arquitetura eclética é um dos marcos históricos deste período. O ecletismo está presente em igrejas, casarões, prédios comerciais, institucionais, educacionais e na sua arquitetura vernacular tendo algumas dessas expressões preservadas até os dias atuais em sua paisagem, podendo ser vistas nos bairros mais antigos da cidade.

Esta linguagem arquitetônica é o marco do início da modernidade na cidade, e teve seu apogeu nas primeiras décadas do século XX e seu declínio por volta 1950, quando há uma nova mudança social que renuncia esta tradição estética e adota outra em seu lugar. Vale salientar, que este processo ocorre de forma lenta e gradual, mas suas ressonâncias são sentidas até os dias atuais, quando a ausência destas edificações ecléticas faz parte das percepções dos cidadãos sobre as mudanças na paisagem da cidade.

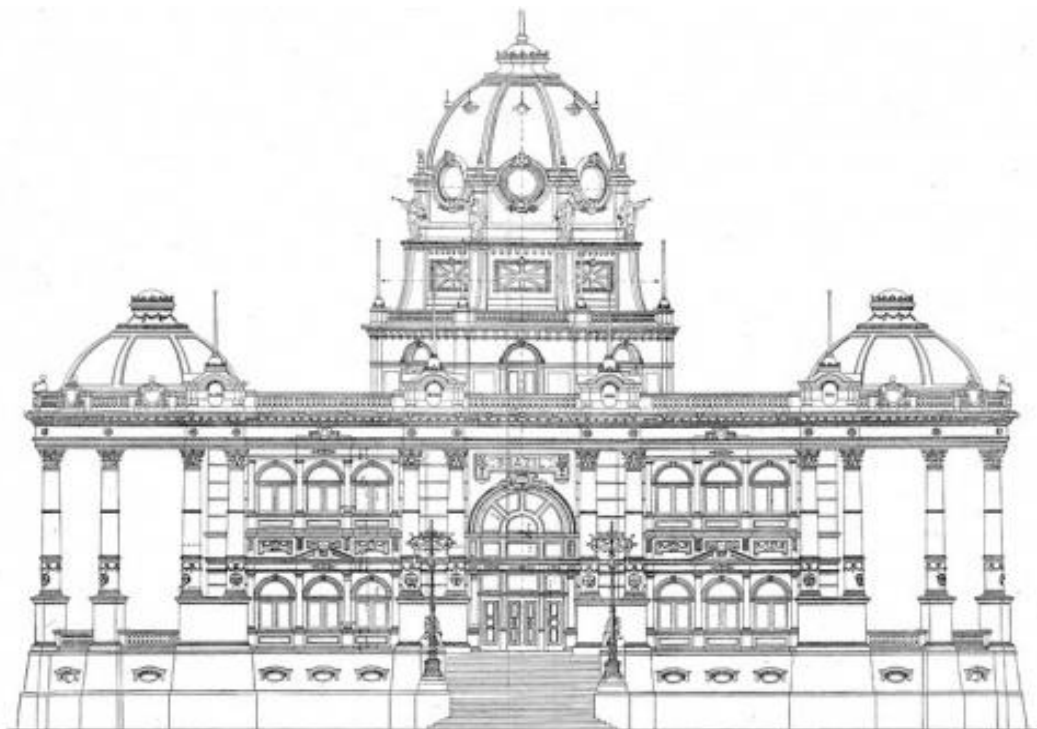
O espaço urbano da cidade fora produzido para abrigar uma nova estrutura social aburguesada, que almejava se afastar do passado escravagista se afirmando, dentre outros hábitos, através de uma estética que expressava diversas influências arquitetônicas. Algumas já vistas em outras paisagem pernambucanas e outras completamente originais das quais não se encontram similares com facilidade. Seu efeito foi o da criação de uma paisagem urbana repleta de arquiteturas ecléticas. Seus proprietários foram latifundiários, empresários, religiosos, educadores e trabalhadores livres que assim como a cidade; recebiam influências dos estrangeiros que ocupavam esta região.

Vale ressaltar que algumas destas edificações não fazem mais parte desta paisagem urbana nos dias atuais. Contudo, há fotografias e relatos da época que registram esta presença e fazem certo alarde quanto a ela. É o que será observado, analisado e discutido no decorrer deste artigo como forma de compreender essas interações. Analisando os processos de ocupação, os discursos entusiastas desta modernização e a relação dos processos de transformação interiores a este sistema.

Para manter uma certa fidelidade às fontes utilizadas neste estudo, o termo “moderno” poderá aparecer desta forma, entre aspas, referindo-se às edificações ecléticas. Esta era a palavra aplicado pelos memorialistas para designar a nova arquitetura que começava a fazer parte da paisagem recifense; segundo Geraldo Gomes “o termo eclético não era utilizado. Assim quando se dizia que o Recife se modernizava significava dizer que a cidade passava a possuir edifícios diferentes dos antigos sobrados.” (Sila, 1940, p.190). Não confundir com modernidade arquitetônica, foi um recurso linguístico da época servindo apenas como sinônimo de inovação em termos de habitação.

1. O ecletismo na Capital brasileira do Século XIX.

Palácio Monroe (1904)



Fonte: Monlewood Express, 2016

O ecletismo na arquitetura brasileira é uma repercussão característica do mesmo movimento iniciado em países europeus no final do século XVIII. As cidades portuárias brasileiras como Recife e Rio de Janeiro (dentre outras), provavelmente foram as primeiras a sofrer estas influências, e no caso das cidades interioranas, através da expansão produtiva no século XIX e pela integração via estradas e linhas férreas.

Esta influência não se resume apenas às questões estéticas, mas ao uso de técnicas, instrumentos, mão-de-obra oriundos dessas metrópoles, também foram alguns dos fatores significativos para este processo. Sobre este aspecto de troca e fluidez de mercadorias e serviços, o arquiteto Nestor Goulart Reis Filho dirá que:

A posição cambial favorável conseguida através das exportações crescentes de café possibilitaria a generalização dos usos de equipamentos importados, que libertariam os construtores do primitivismo das técnicas tradicionais. A isso acrescentava-se a modernização dos transportes, com o aparecimento de linhas férreas ligando o interior ao litoral." (Reis Filho, 1970, p.44)

O arquiteto também afirma que foram as mudanças políticas, econômicas e sociais que em grande medida impulsionaram essa troca de influências que provocaria a mudança de hábitos. Entre estas transformações estariam as de moradia, sobre a qual pesariam o gosto pela estética condizente com as tendências da época, bem como, a utilização dos espaços abastados na localidade; os migrantes e imigrantes construíam largos edifícios para abrigar as lojas, depósitos e armazéns.

Nesta perspectiva, Reis Filho dirá que: "As transformações socioeconômicas e tecnológicas pelas quais passaria a sociedade brasileira durante a segunda metade do século XIX iriam provocar o desprestígio dos velhos hábitos de construir e de habitar." (Reis Filho, 1970, p.44).

Outro fator a ser considerado nesta mudança de hábitos está a presença dos imigrantes. Estes habitantes da cidade foram incentivados a compor - via ocupação - estes espaços urbanos. Serão em grande medida corresponsáveis pela diagramação da paisagem citadina. Moradores, comerciantes, turistas e políticos foram encorajados a morar no interior das províncias.

No discurso que eleva Garanhuns à condição de cidade, o Deputado Silvino Guilherme de Barros (Barão de Nazaré) proferiu:

O planalto de Garanhuns, notável pelo seu clima uniforme, fresco e salubre, torna-se ainda mais interessante colocado em meio aos sertões quentes do Norte, podendo produzir muitos gêneros dos climas temperados do estrangeiro, sendo por esta razão o mais apropriado para o estabelecimento de emigrantes europeus, que encontrarão ali os mesmos recursos que em São Paulo e Minas Gerais. (Barros, 2012, p.22).

A jusante este pensamento, Reis Filho constatou que a produção de uma arquitetura eclética na paisagem citadina, é produto deste incentivo político para a presença de imigrantes europeus, que chegaram impulsionados pelas melhorias comunicacionais como as estradas e linhas férreas, a importação de produtos pré-fabricados, a chegada de mão de obra especializada (arquitetos e construtores). Estes trabalhadores passariam a construir o espaço e a paisagem citadina se tornando parte dela e da mudança dos hábitos na localidade.

Sobre este processo, escreveu Reis Filho: *“Foi sob a inspiração do ecletismo e com o apoio dos hábitos diferenciados das massas imigradas, que apareceram as primeiras residências urbanas com a nova implantação, rompendo com as tradições e exigindo modificações nos tipos de lotes e construções.”* (Reis Filho, 1970, p.44).

Teatro Municipal do Rio de Janeiro, 1910



Fonte: Brasileira Fotográfica, Augusto Malta, 1910.

Vale destacar que Nestor Goulart Reis Filho está analisando e descrevendo as novas formas de moradia no Rio de Janeiro, porém, se observarmos com cautela, e guardando as devidas proporções, é possível inferir que uma parcela muito significativa da paisagem citadina dos sertões no século XIX teve esta influência e, apesar de níveis diferentes, seus elementos originários foram semelhantes.

Não se trata de fazer uma relação do tipo *post hoc ergo propter hoc*¹ (correlação e causalidade) contudo, não se pode descartar a característica de verossimilhança entre as produções destes espaços urbanos no século XIX. O próprio Nestor Goulart Reis Filho admite esta plausibilidade em trechos do seu livro, reconhecendo que estas mudanças nos hábitos era uma espécie de aspecto geral pelo Brasil.

Uma coexistência transformadora das paisagens urbanas, num momento em que as comunicações, apesar de eficientes para a época, aconteciam num ritmo bem mais lento do que o que pode ser visto na atualidade; com a velocidade da internet, televisão e outros meios de comunicação. E os fatores por ele apontados para estas transformações eram, respectivamente o declínio da escravidão e o progresso tecnológico da época.

¹ “Depois disso, logo por causa disso”, disponível em: Robert Arp. *Bad arguments: 100 of the most important fallacies in western philosophy*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2019. Acesso em 22/11/2023.

O ecletismo, aparentemente reconfigurou o espaço urbano dos sertões, de tal forma que até os regimentos urbanos sobre a ocupação destes precisou ser modificada. Segundo Reis Filho:

O processo era geral. Em todas as regiões onde se fazia sentir o declínio da escravidão e a presença do progresso tecnológico, encontram-se os mesmos mecanismos esquemas apontados por Sylvio de Vasconcellos em seu estudo sobre Belo Horizonte. As transformações eram, porém, de tal modo importantes, em face das tradições que até então vigoravam, que em certos lugares foi necessário alterar os códigos municipais para permiti-los. (Reis Filho, 1970, p.46).

Mesmo com todas essas significativas mudanças estéticas nas paisagens urbanas não houve uma ruptura com os hábitos antigos, apenas um distanciamento incorporando seus elementos mais destacados nestes novos métodos de produzir.

Não se trata de um processo de revolução, mas uma transição entre dois modelos de habitação; um que estava baseado na moradia do campo (fazendas, engenhos e vilas) para a nova ordem que fora planejada para compor os espaços urbanos. Com habitações contíguas visando abrigar a nova classe que emergia dos centros da cidade; aburguesada, eurocêntrica, liberal, positivista, urbana do seu período. Sobre este evento, escreveu Reis Filho:

As formas arquitetônicas, porém, não respondiam sempre com a mesma rapidez da mudança. Conservava-se por vezes um tipo de arquitetura pesada, calçada ainda no emprego do adobe e da telha canal, assim como os tipos de esquadrias que vinham do tempo do 'palmo em quadro', com as vidraças externas e bandeiras fixas. As paredes, mesmo sendo de tijolos, tinham uma largura exagerada. (Reis Filho, 1970, p.52).

2. Ecletismo à pernambucana.

A arquitetura eclética pernambucana, mais precisamente, da cidade do Recife, capital do Estado, sofre influências diversas das linguagens europeias entre os séculos XVIII e XIX. As inspirações portuguesas e holandesas foram algumas das mais destacadas. A estas nacionalidades podem se juntar a própria linguagem colonial produzida no Brasil neste mesmo período.

Residência eclética (demolido) recifense localizada na Rua Falcão Lacerda, n.º 5769, Coqueiral.



Fonte: VILLA COLETIVA - Cultura, História e Acessibilidade. Edja Trigueiro, junho de 1986

Não se trata de propor que houve uma revolução arquitetônica na cidade do Recife, assim como em outras localidades de Pernambuco (e do Brasil) os estilos coexistiram. Entretanto, a partir do contato direto com as nações europeias, sem a mediação de Portugal, com a abertura dos Portos às Nações Amigas em 1808, fomentou não apenas adoção das linguagens ultramarinas de arquitetura, mas também, a chegada de mão de obra especializada

e a importação de produtos pré-moldados. E certamente, esse foi um passo a mais no processo de aculturação dos hábitos de moradia em Pernambuco

Sobre essa característica, o arquiteto Geraldo Gomes da Silva escreveu: *“A importação de mão de obra especializada, bem como de produtos da nascente indústria europeia se fez sentir com maior evidência nas cidades portuárias.”* (Silva, 1940, p.181).

Ainda que pesem contra as afirmações de que a arquitetura eclética, de maneira geral, não fora admitida sem ressalvas pelos habitantes das cidades brasileiras, vale destacar que os exemplares desta arquitetura eram numerosos. Ela compusera a paisagem urbana dos centros das cidades, em bairros ocupados por pessoas de maior poder aquisitivo, lideranças políticas, comerciantes e religiosos. Isso pode ser um indicativo de que para um determinado nicho da população urbana, esta linguagem os distinguia social e esteticamente. E até os dias atuais.

Residir ou comercializar em uma edificação eclética poderia ser o indício de distinção social para um novo habitante citadino. Sobre esta relação entre a nova arquitetura e os pernambucanos, Geraldo Gomes escreveu: *“Até que ponto os nativos se chocavam ou assimilavam os gostos importados é muito difícil estimar. A verdade era que o consumo de tudo que vinha da Europa industrializada era o indício de status social e sempre perseguido pelos novos ricos.”* (Silva, 1940, p.185).

Conjunto de edifícios comerciais localizado na Avenida Beberibe



Severino Ribeiro, abril de 1985. Coleção Eclétismo. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

No entanto, as oscilações econômicas de longo prazo (crises) fizeram da exportação de matéria prima no final do século XIX uma incerteza de grandes lucros. É daí que os mercados internos começam a ser mais explorados. Além de fornecimento da matéria prima para a produção de alguns produtos industrializados derivados dela. É neste movimento econômico para buscar os sertões que surgem as primeiras cidades com este perfil de centro industrial, político e cultural.

Provavelmente, Garanhuns foi um destes municípios do interior escolhidos para ser o centro comercial e administrativo da região, pois fora beneficiado por esta logística de mercado no interior das províncias. A localidade que passou uma parte significativa de sua existência como produtora de elementos essenciais para a produção de mercadorias, se tornara centro econômico para o qual migravam comerciantes de outras partes do Brasil e da Europa, disputando espaço com os comerciantes da antiga estrutura que já ocupavam estes espaços urbanos.

As cidades nem sempre se tornavam o que conhecemos como “Cidades Operárias”, no entanto o crescimento comercial atraía trabalhadores que passaram a ocupar seu espaço urbano e compor uma paisagem citadina de forte

influência da justaposição e sobreposição das linguagens de outrora. Mesclados com a estética trazida por aqueles que vivenciaram o ecletismo alhures.

Para Geraldo Gomes:

No mercado internacional, os preços do algodão e do açúcar, já não justificavam a exportação na escala que houvera antes. É quando começam a se instalar no Recife e nos municípios vizinhos às fábricas de tecidos para transformar o algodão e começar a explorar o mercado interno. Essas fábricas eram também de propriedade de estrangeiros (franceses, ingleses, belgas e suecos) e contribuíram decisivamente para a implantação de núcleos de habitação. Algumas cidades nasceram praticamente à sombra das fábricas, como é o caso de Moreno e Paulista. As vilas operárias eram uma novidade que nada tinha a ver com os assentamentos rurais e urbanos conhecidos até então. Essas vilas eram construídas quase sempre sob inspiração de outras existentes na Europa. (Silva, 1970, p.187)

Apesar de Garanhuns não ser uma cidade portuária por sua posição geográfica, ela foi o ponto para onde convergiam os produtos da agropecuária e as matérias primas produzidas na região do Agreste Meridional de Pernambuco. O Barão de Nazaré (citado anteriormente) quando apresentou a proposta de Lei na Assembleia Legislativa Provincial que elevaria a Vila de Garanhuns à condição de Cidade, proferiu:

“É muito importante o comercio de Garanhuns, existem ali casas de negócio tão boas, tão bem montadas como as dessa praça ‘Recife’ (grifo meu). Há ali uma feira imensa que semanalmente se reúnem 2 ou 3 mil indivíduos vendendo seus produtos e comprando fazendas e gêneros de que fazem suas provisões. Convém ainda acrescentar que Garanhuns tem dois termos notáveis: Correntes e Palmeira de Garanhuns, onde também existem feiras importantes.” (Barros, 2012, p.22).

É importante destacar no texto de Geraldo Gomes que, segundo o autor, os conceitos de modernidade e ecletismo foram utilizados sem distinção entre os autores. Este é o porquê de muitas vezes ser possível encontrar recortes de textos que divulgam, estudam ou enaltecem a paisagem pernambucana, se referindo a ela como “de prédios modernos”. Aparentemente, o ecletismo foi sinônimo ou referência de moderno.

Faculdade de Direito do Recife, 1914.



Fonte: Brasiliana Fotográfica. Acervo: Franklin Santiago Poggi de Figueiredo

Ainda que pese o fato do ecletismo de ter tido seu apogeu em pleno momento da modernidade, ele pode representar melhor o processo de transição entre esta temporalidade e outra posterior. Sem necessariamente ficar circunscrito a um ou outro período determinado. Segundo Geraldo Gomes:

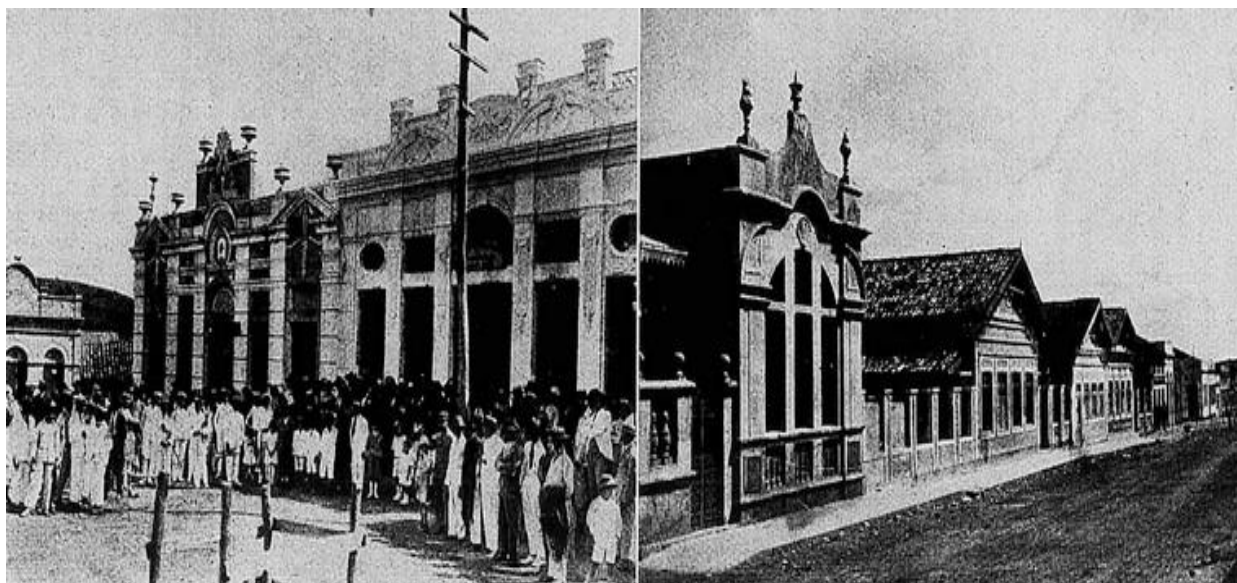
As duas primeiras décadas do século XX foram decisivas para a implantação da arquitetura eclética. É curioso e justificável, depois de consultar a literatura e os jornais da época, a analogia que se fez entre o ecletismo e a modernidade. O termo eclético não era usado. Assim quando que o Recife se modernizava significava dizer que a cidade passava a possuir edifícios diferentes dos antigos sobrados. (Silva, 1940, p.190)

Em Pernambuco, o aperfeiçoamento das comunicações que comportavam descrições detalhadas das edificações da nova arquitetura eclética na cidade do Recife entre os anos finais do século XIX e o início do século XX, ajudaram a difundir esta linguagem para o interior das Províncias/Estados. É constatável que a circulação de jornais e revistas trazendo imagens e as grandiloquentes descrições acerca das edificações ecléticas produziram ressonâncias que foram sentidas em Garanhuns, que fica à 230km de distância do Recife, e com um relevo acidentado e bastante úmido pouco propício para edificações de grande porte.

Se durante as primeiras décadas do século XX a capital de Pernambuco foi tomada pelo gosto ao ecletismo (Silva, 1970, p.193), no interior do Estado, não foi diferente. Trazida sobretudo pela linha férrea recém-inaugurada em 30/09/1887 pela Great Western ajudava a escoar a produção local, mas trazia os artigos importados que seriam usados nas construções “modernas” como azulejos, cerâmicas, balaústres, jarros, globos, estátuas, gradis, maçanetas e até revestimentos decorativos que ainda não eram produzidos na localidade. Passaram a fazer parte dos bens importados tão consumidos e vendidos pela pequena burguesia local que se formava.

3. Ecletismo na cidade de Garanhuns

Esquerda: Posto de Profilaxia Rodolfo Galvão. Direita: Trecho da Rua Dr. José Mariano, 1924.



Fonte: Revista da Cidade, 1924. Acervo: Iba Mendes, 2021.

O historiador Alfredo Leite Cavalcanti, decano da historiografia local, em seu livro *História de Garanhuns* (1968) fez descrições sobre a economia, a política e a sociedade local do período de elevação da cidade. Seu texto traz um certo entusiasmo no que concerne a chegada da linha férrea em 1887. Esta sem dúvidas foi uma das melhorias nas comunicações e integração entre as regiões de Pernambuco.

Foi mencionado também que o comércio local, apesar da crise poderia se beneficiar com a chegada mais rápida de mercadorias vindas do exterior. Segundo Cavalcanti:

Anteriormente, para o comércio com a praça do Recife, o transporte era feito em costas de animais, cujas tropas levavam seis dias para ali chegarem e outros tantos mais, gastavam os comerciantes para a realização dos negócios, inclusive tratamento dos animais e ainda, outros seis dias para regressarem. Dezoito ou vinte dias para ida e volta de uma tropa de animais quando a distância que separava Garanhuns do Recife pela estrada dos tropeiros, eram de pouco mais de duzentos quilômetros. (Cavalcanti, 1968, p.34)

Esta melhoria nos transportes de mercadorias com a linha férrea, aparentemente, não era percebida apenas na economia local. A melhoria nos transportes entre as regiões da província impulsionava também as migrações. Assim

como vaticinado pelo Barão de Nazaré em 1878 no discurso que eleva Garanhuns a condição de Cidade, os migrantes e imigrantes começava a chegar para disputar com os habitantes locais a produção de um novo espaço urbano. Se considerarmos que o “espaço” urbano enquanto categoria geográfica é “determinado pelo movimento da sociedade, da produção” (Santos, 2021, p.67), a influência dos novos habitantes impactou na mudança da paisagem e do espaço citadino. Alfredo Leite Cavalcanti analisou que:

O município começava a gozar os benefícios proporcionados pela via férrea que muito lhe viera facilitar o intercâmbio com a capital. O comércio, por sua vez, foi crescendo com a fundação de novos estabelecimentos, inclusive escritórios de grandes firmas exportadoras. (Cavalcanti, 1968, p.34).

Estação Ferroviária Great Western, 1912



Fonte: Revista da Cidade, 1928. Acervo: Iba Mendes, 2021.

Com a repercussão que teoricamente a chegada da linha férrea proporcionava neste processo de integração regional, as edificações presentes na paisagem citadina apresentarão novas estéticas e dimensões. Garanhuns por estar ainda em estrutura urbana de Vila, possuía poucas ruas apesar de estar relativamente bem habitada, e suas edificações são feitas majoritariamente de adobe, com exceção das edificações da aristocracia rural, religiosas e dos órgãos que compunham a administração local (polícia, comarca, câmara de vereadores, etc.).

No livro de Alfredo Leite Cavalcanti, o impacto produzido pela linha férrea trouxe também inovações arquitetônicas como é o caso da primeira residência apontado pelo próprio autor como “moderna”. Nas palavras de Cavalcanti:

A primeira construção moderna e que apresentava todos os requisitos de aperfeiçoamento urbano da época, foi a suntuosa residência construída pelo engenheiro das obras da estrada de ferro, o Sr Eronildes de Holanda Costa, residência esta que mais tarde, depois de ampliada, transformou-se no atual palácio episcopal. (Cavalcanti, 1968, p.35).

Casa do Engenheiro Eronildes de Holanda Costa, atual Palácio Episcopal (1920)



Fonte: IHGCG. Acervo: Domínio Público

As famílias de imigrantes europeus que se estabeleceram em Garanhuns após sua elevação à condição de cidade também trouxeram contribuições à paisagem e ao espaço urbano. As edificações primeiramente eram para habitação, porém em algumas ocasiões serviram à moradia e ao comércio integralmente.

Chalé dos Grossi/Hotel Familiar, 1905.



Fonte: Terra do Magano.blogspot.com, 2010. Acervo: Domínio Público.

A residência da família italiana Grossi tinha características de um chalé, e certamente por isso ficou conhecido popularmente como “o Chalé dos Grossi”. Mencionado com enaltecimento por Cavalcanti (1968), a edificação aonde também funcionou o *Hotel Familiar*, fora descrita da seguinte forma: “outro cidadão de não menos bom gosto, construiu para sua residência, o prédio hoje ainda ocupado pelo *Hotel Familiar* que apesar das reformas e ampliações, ainda muito de sua característica primitiva.” (Cavalcanti, 1968, p.35).

No período de 1887 a 1920 ocorreram transformações na paisagem urbana que podem ser indícios das mudanças políticas, econômicas e sociais; se consideradas a partir das produções que ali eram vistas. “Paisagem” é, segundo Milton Santos, “tudo o que nós vemos, o que nossa vista alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” (Santos, 2021, p.68).

Praça Dom Moura, 1927.



Fonte: Revista da Cidade, 1927. Acervo: Iba Mendes, 2021.

E esta paisagem a partir da presença do ecletismo se altera progressivamente e o relato dos cronistas evidencia isto. De uma pequena Vila havia se tornava uma localidade marcada pelo ecletismo, diversa; porém, com certas características estéticas gerais bem semelhantes.

Em meio a estas, os impactos das mudanças repercutiram nos modos de habitação dos moradores locais. Os espaços de moradia são melhores descritos no livro de Alfredo Leite Cavalcanti (1968). Sobre as instalações de residência e comércio em Garanhuns, escreveu que: *“os estabelecimentos comerciais que (...) eram instalados nas próprias residências dos moradores foram, pouco a pouco, se mudando para prédios mais condizentes com sua situação, e construídos para esse fim em terrenos desocupados em virtude da demolição de antigas casas.”* (Cavalcanti, 1968, p.35).

O último trecho da citação acima chama atenção: *“construídas para este fim em terrenos desocupados em virtude da demolição das antigas casas.”* (p. 35). Este pode ser um indicativo de que a aristocracia rural que no século XVIII expurgara os aldeamentos dos povos originários indígenas e dos quilombolas legitimando seu domínio sob a localidade, estava quase um século depois sendo expulsos pela nova ocupação urbana; a da pequena burguesia.

Avenida Santo Antônio vista da Igreja Matriz, 1928.



Fonte: Revista da Cidade, 1928. Acervo: Iba Mendes, 2021.

E a presença desta classe social burguesa e emergente foi fundamental para o desenvolvimento da paisagem. Na citação abaixo Cavalcanti diz não haver um projeto urbanístico em vigor na Garanhuns deste período, daí a construção das edificações seguirem os caminhos já estabelecidos pela circulação dos habitantes e seus animais de carga. Cavalcanti escreveu que: *“infelizmente não havia um plano urbanístico para firmamento de ruas e avenidas, as quais formavam margeando os antigos caminhos e cresciam acompanhando as suas sinuosidades.”* (Cavalcanti, 1968, p.35)

Sob o processo que é tratado aqui por *expurgos*, trata-se de uma *gentrificação*² dos habitantes da vila em benefício da reocupação dos terrenos pelos novos moradores. Depois de reapropriados os terrenos centrais, começou de fato o processo de modernização da cidade, conforme Geraldo Gomes (1940, p.190) chamou atenção os termos: *eclético* ou *eclétismo* não eram usuais na descrição da arquitetura recifense do início do século XX; diziam-se *prédios modernos*.

A modernização da avenida principal da cidade foi, em certa medida, a abertura para a presença do eclétismo na arquitetura local. Sobre esta implementação, Cavalcanti escreveu:

Nas principais ruas e especialmente na ‘rua do comércio’ e ‘rua nova de Santo Antônio’, partes da atual avenida Santo Antônio, são iniciadas as substituições das casas de taipas e das meias águas, assim como o preenchimento de terrenos ainda desocupadas, por prédios de tijolos, alguns com as

² *Gentrificação*, segundo Smerk (1991, p.295) é enobrecer uma área para atrair investidores, emprestando uma conotação positiva a esse processo.

fachadas revestidas de azulejo e até com piso em mosaicos, como foi o que tem o número 187, o primeiro a apresentar essa inovação. (Cavalcanti, 1968, p.35).

Rua do Comércio, atual Av. Dantas Barreto, Bairro Santo Antônio, 1927



Fonte: Revista da Cidade, 1927. Acervo: Iba Mendes, 2021.

A abertura de novos espaços para acomodação de edificações construídas em novos bairros fez desse projeto urbanístico, um processo de retirada dos antigos moradores destas localidades, demolição de suas casas para comportar os novos moradores e bairros. Medida de reserva das áreas urbanas para classes abastadas conhecida por *gentrificação*³. Um caso especialmente emblemático é o que está relatado no livro de Alfredo Leite Cavalcanti (1968), no qual está descrito um breve relato da fundação do bairro de Heliópolis. Uma senhora é removida do seu endereço pois havia o intento de formação do bairro citado:

“Entre os moradores da rua Alecrim, que foram os primeiros habitantes do bairro, havia uma preta velha, mas muito simpática, que vivia da caridade pública e devido ao seu bom humor e boas maneiras gozava de estima de um grande número de pessoas. Quando da desapropriação dos moradores e transferência para um novo local, devido ainda ao seu estado de miserabilidade, Euclides Dourado deu-lhe uma casinha nova para residência que foi motivo de grande admiração de sua parte por aquele homem tão generoso. Quando vinha à cidade em busca de auxílio, se alguém lhe perguntava aonde estava morando agora, ela respondia cheia de gratidão: ‘Moro no arraia de seu Ocrídio’.” (Cavalcanti, 1968, p.41)

3.1 Casarão do Coronel José de Almeida Filho

Casarão do Cel. Jose de Almeida Filho, Av. Dantas Barreto, Bairro Santo Antônio, 1922.



Fonte: Blog Anchieta Gueiros, 2023. Acervo: Domínio Público

³ Ibidem, p.12.

O icônico casarão do Coronel José de Almeida Filho, situado em frente à Praça Dom Moura margeando a Avenida Dantas Barreto, Bairro de Santo Antônio (Centro) nº44; é um dos mais belos e bem preservados exemplares do ecletismo local. Segundo postagem no blog do Jornalista e Historiador José de Anchieta Gueiros Viana de Barros, o casarão teria sido projetado pelo Arquiteto Italiano conhecido como *Bruno Giorgio*, em 1919.

A edificação foi encomendada pelo Coronel, à época um comerciante próspero e proprietário da Empresa de Melhoramentos de Garanhuns (EMG) que atuava na distribuição de água, iluminação pública, restauro de ruas e praças, etc. Instituição que seria o equivalente aos dias atuais a Secretaria de Obras e Infraestrutura Municipal.

Casarão do Cel. Jose de Almeida Filho, Av. Dantas Barreto, Bairro Santo Antônio, 2021.



Fonte: Cleyton Jose de Sousa Ferreira, Acervo Pessoal: 2021.

Trata-se de uma edificação luxuosa, de altura mediana, disposta de maneira central no terreno em que foi erigida. Apresenta as características do ecletismo arquitetônico estudadas por Nestor Goulart Reis Filho (1970) em Belo Horizonte. Há destacados adornos em suas pilastras, platibanda, cornijas, falsas balaústas e acrotério. Os gradis de ferro foram elegantemente moldados, havendo também a presença de globos e colunatas jônicas e coríntias, fazendo desta arquitetura um exemplar perfeito do ecletismo implementado na cidade em meados do século XX que resistiram até dias atuais.

Os Coronéis eram pessoas que representavam a classe de maior poder aquisitivo e exerciam forte influência na política local, chegando a ser Prefeitos ou fazendo parte do grupo de associados a eles. São em grande medida os responsáveis financeiros pela introdução do ecletismo neste espaço urbano. Suas moradias, armazéns, lojas e clubes, compuseram a paisagem urbana dita moderna da cidade que se abria *a fortiori* às novas tendências urbanísticas.

As primeiras três décadas do período republicano brasileiro é conhecida como “a República dos Coronéis” aonde imperava o lema: Quero, posso e mando. Para entendermos minimamente como este poder esteve por muito tempo nas mãos dos Coronéis locais, recorreremos ao texto publicado pelo Instituto Histórico, Geográfico e Cultural de Garanhuns-IHGCG (2015). Conforme a postagem assinada pelo Historiador Igor Cardoso:

“O imóvel é bastante representativo do apogeu do café na região: Para se ter uma ideia desse período de prosperidade, todo o madeiramento para o assoalho e lambri foi importado do Pará. Pouco tempo depois, foi adquirido pelo Coronel Antônio da Silva Souto Filho, tornando-se uma espécie de ‘quartel general’ do líder na cidade. Souto Filho passava horas no porão habitável, um espaço imenso, recebendo amigos e correligionários. Ali funcionava o seu gabinete, guarnecido com imóveis de Jacarandá e uma imensa mesa redonda. (...) pouco tempo depois da morte de Souto Filho, em 1939, o Coronel José Custódio das Neves, cafeicultor e futuro Prefeito de Brejão, adquiriu o casarão e a família o conservou até 2004, quando a Prefeitura o comprou, na gestão do ex-Prefeito Luiz Carlos de Oliveira.” (Cardoso, 2015, Garanhunsintituto.blogspot.com/2015/02/)

Aparentemente assim como o poder político os bens patrimoniais como este casarão eram adquiridos entre os coronéis; como a administração pública que se alternava entre eles. Vale destacar que o último personagem citado, o Sr Luiz Carlos de Oliveira além de Prefeito e Comerciante (farmacêutico) foi também proprietário de terras; como preconiza a tradição entre os administradores públicos de Garanhuns: Comerciantes, Latifundiários e Políticos.

No casarão, atualmente, funciona a sede do citado Instituto Histórico, Geográfico e Cultural de Garanhuns (IHGCG). Apesar de não haver claras informações públicas sobre seu tombamento ou diretrizes municipais para a sua preservação, o casarão encontra-se integralmente preservado. Uma das poucas edificações em estilo eclético que recebe periodicamente cuidados por parte do Poder Executivo como pinturas, revitalização dos jardins e restauros nos gradis.

É evidente que a intervenção da Prefeitura da Cidade foi decisiva na preservação do imóvel, porém não da paisagem que ele compunha. Haja visto que as edificações vizinhas, também ecléticas, foram demolidas ou estão em abandono. O mesmo cuidado não lhe fora dispensado.

3.2 Casarão de Ruber Van Der Linden (Vila Dilênia)

Garanhuns também é uma cidade conhecida por seus sobrados e chalés. Em alguns casos houve a mescla dos dois tipos: A verticalidade dos sobrados com a estética dos chalés. Um bom exemplo desta linguagem eclética – sobreposição e justaposição de estilos – é o casarão do Engenheiro Ruber Van Der Linden, personagem que dentre outras realizações é um dos responsáveis pela modernização na distribuição de água e iluminação pública da cidade.

Este casarão ficou conhecido pelos seus conterrâneos como “o castelinho” devido a sua imponência num bairro conhecido pelas suntuosas residências pertencentes a pequena burguesia local.

Casarão do Engenheiro Ruber Van Der Linden, Av. Getúlio Vargas, Bairro Heliópolis, 1990.

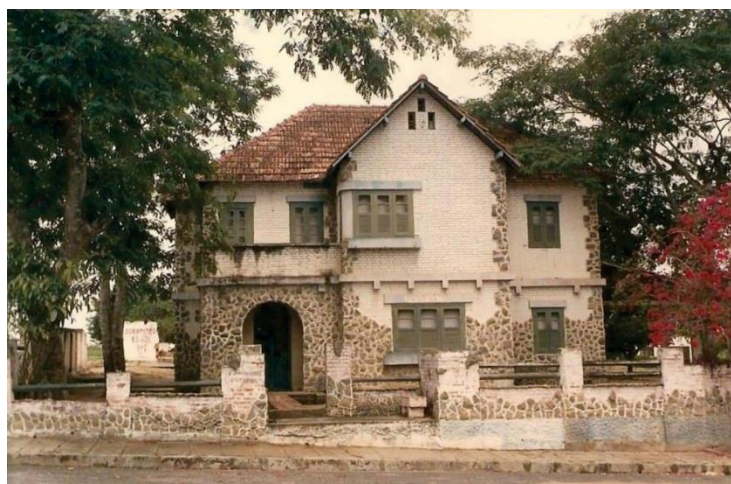


Foto: Acervo Familiar, 1990.

O nome “Vila Dilênia” é uma homenagem feita pelo proprietário a sua Esposa. Esta residência ficou por muito tempo abandonada, sem cuidados dos poderes público e privado. Foi ocupada esporadicamente por pessoas em situação de rua e usuários de drogas; o que alimentava o imaginário local com narrativas de crimes e outras estórias. Podem ter sido estes discursos – verídicos ou não – que legitimaram sua demolição entre os anos de 1996 e 1997.

Outro fator é o da própria especulação imobiliária. Vila Dilênia estava situada entre ruas de terrenos muito valorizados na cidade, no bairro de Heliópolis, projetado para ser uma das áreas destacadas de Garanhuns, possivelmente para atender a ocupação de migrantes e imigrantes nos 30 (trinta) primeiros anos do século XX.

Sua fachada lembra um chalé europeu de tijolos aparentes e pintados, com revestimentos imitando pedras rústicas, de muro baixo com apenas uma entrada em uma pequena varanda semicircular. Possuía janelas e porta principal com venezianas inspiradas no modelo colonial.

O imóvel aparentemente apresentaria poucos adornos se comparado imageticamente com as arquiteturas ecléticas convencionais. Todavia, um argumento kitsch ou de minimalismo não se sustenta, pois até as edificações ecléticas vernaculares ou templos, podem apresentar essa condição. Observando tecnicamente, serão identificadas as sobreposições e justaposições que são do ecletismo. Como a mescla de elementos de outras linguagens arquitetônicas.

No lugar deste casarão ainda não fora construído nada. Em anos recentes a Prefeitura construiu a Praça da Bíblia no terreno central entre a bifurcação das ruas laterais aonde estava o “castelinho”, mais precisamente entre o Seminário São José e o Colégio Presbiteriano XV de novembro. Fora inaugurado, ao fundo do terreno, um posto de combustíveis que recebera seu nome popular (Posto Castelinho), uma alusão a memória que apenas os antigos moradores e

visitantes de Garanhuns poderão realizar. Haja visto que as novas gerações de habitantes e turistas foram privadas desta rica história.

Terreno aonde ficava o Castelinho, Rua Getúlio Vargas, S/N, 2023



Foto: Cleyton Jose de Sousa Ferreira, Acervo pessoal, 2023

Ruber Van Der Linden, além de Engenheiro, era um polímata. Atuou como jornalista, poeta, escritor, dramaturgo. Neste período do coronelismo local foi um dos organizadores da cooperativa de cafeicultores locais. E como escreveu Anchieta Gueiros:

Em 1925 organizou a Rádio Sociedade, na Cooperativa de Cafeicultores prestou valiosa colaboração. No Rotary Clube na qualidade de sócio efetivo. Durante vários anos no cargo de gerente da empresa de abastecimento de água e luz do município. Com recursos próprios da mencionada empresa, idealizou e implantou o "Pau Pombo", que hoje tem seu nome "Parque Ruber Van Der Linden. (...) Ele faleceu em 1947." (Barros, 2021, <http://anchietabarros.blogspot.com.br>.)

3.3 Cine Trianon

Outro exemplar do ecletismo é o memorável prédio do Cine Trianon. Construído ainda nas primeiras décadas do século XX. Situado no bairro Santo Antônio (centro), no quadrante que estão as Ruas Maurício de Nassau e Agostinho Góes, nas proximidades da Praça Jardim ao número 40.

Até os anos 50, conforme o Jornalista Roberto Almeida, era uma disputada sala de cinema. Apesar de sua opulência arquitetônica, aparentemente não gozava de boa reputação entre os frequentadores da época, como pode ser observado na citação após a imagem abaixo:

Cine Trianon, Rua Maurício de Nassau, Bairro Santo Antônio (centro), 1935.



Fonte: Os Aldeões de Garanhuns, Alberto da Silva Rêgo, 1987.

Segundo Almeida:

“Muitas das recordações da nossa infância e juventude em Garanhuns estão intimamente associadas aos filmes e aos programas de rádio que assistíamos. Os mais velhos de nós, devem lembrar da única sala de cinema que havia na cidade até o início dos anos 50: O Cinema Trianon, localizado junto ao mercado de carne, pejorativamente chamado de ‘O Pulgueiro’.” (Almeida, 2021, robertoalmeidasc.blogspot.com/2021/02/o-cinema-de-nossa-infância-e-juventude.html.)

Apesar de não ter sido esquecido pelo poder público sofreu descaracterizações. Restando algo em torno de 40% de suas características originais preservadas. A cobertura com telhas cerâmicas, a platibanda adornada com globos e figuras florais pré-moldadas, um acrotério com figuras antropomórficas que lembram leões, cimalkas e sobrepostas de portas com adornos que lembram asas ou folhagens. Entre as sobrepostas há gradis de ferro com decorações semicirculares.

Essa ornamentação individual do ecletismo na cidade dificilmente é vista em outras edificações. Aparentemente esta arquitetura não se repetia entre os imóveis, algo como uma identidade visual de cada um deles. Por se tratar de um prédio que desde sua origem foi produzido como espaço vinculado ao poder privado local, mais especificamente dos comerciantes, passou anos desocupado. Vindo a abrigar no período mais recente o escritório da CERSOPE, uma churrascaria/restaurante, chaveiro e na esquina da Rua Maurício de Nassau uma loja de utensílios domésticos.

O historiador Anchieta Gueiros trouxe mais algumas informações sobre o Cine Trianon. Segundo ele, além de sala de cinema os salões serviam para apresentações artísticas e realização de bailes na cidade na década de 30, “as suas festas maiores se realizavam nos salões do Cinema Trianon, notadamente seus bailes de Carnaval, quando seu presidente foi o médico Tavares Correia.”⁴

Cine Trianon, Rua Maurício de Nassau, Bairro Santo Antônio (centro), 2023



Foto: Cleyton José de Sousa Ferreira, Acervo Pessoal, 2023

Outra vista do Cine Trianon, Rua Agostinho Goes, Nº 40, Bairro Santo Antônio (centro), 2023



Foto: Cleyton José de Sousa Ferreira, Acervo Pessoal, 2023

⁴ Ibidem, p.17

Como cinema passou a cair em demérito por parte do público, pois haviam outras salas nos anos 70, e o Trianon passou a representar a separação social entre os frequentadores. Anchieta Gueiros descreve a qual público estava destinado seus salões para exibição de filmes, indo ao encontro ao que o Jornalista Roberto Almeida escreveu em seu blog. Anchieta Gueiros dirá que: “O Cine Trianon de Antônio Alves do Nascimento, instalado na Praça Jardim, e que toma a denominação de ‘Cine Poeira’ por ter sido destinado a segunda classe.”⁵

Este é o indício de como a pequena burguesia da cidade em pouco mais de 30 anos promoveu uma série de transformações no espaço urbano, construindo uma paisagem citadina moderna que apesar de sua imponência e beleza, aprofundou as desigualdades em muitos setores sociais, especialmente os da cultura e do entretenimento.

CONCLUSÃO

As dimensões histórica e arquitetônica apresentadas neste estudo são um reflexo da produção do espaço e da paisagem urbana no final dos séculos XIX e XX. O ecletismo como linguagem arquitetônica caracteriza um novo processo de ocupação que influenciaria diretamente na economia, política e na sociedade.

A cidade foi aberta ao colono e eles trouxeram esta estética dita moderna, traço invariável deste processo por décadas até começar a ser substituída pela atual. As antigas casas de taipa e “meia água” ainda remanescentes do período de Vila em que a cidade se originou foram destruídas para a implementação de um projeto urbanístico no qual as edificações ecléticas margeando as ruas, e compondo bairros projetados seriam a tônica desta aparência.

Não obstante, os novos hábitos trazidos por estes moradores causariam um impacto na antiga estrutura colonial apesar de não a abandonar por completo. Fazendo com que a aristocracia rural se visse forçada a ocupar permanentemente o espaço urbano, outrora frequentando apenas como lugar de encontros comerciais como feiras, missas, eleições e os eventos festivos anuais.

Nesta migração do campo para a cidade precisavam de habitação fixa. É daí que surgem os casarões modernos dos Coronéis que aproveitavam a mão de obra e a prosperidade do ciclo do café. Puderam encomendar de arquitetos e engenheiros projetos contemporâneos como viam nas revistas e jornais em circulação.

A chegada da linha férrea possibilitou a velocidade na chegada de materiais pré-fabricados que seriam os adornos da arquitetura eclética, já vista em Recife ou nas cidades portuárias da Europa, com as quais o Brasil mantinha relações de livre comércio, desde 1808 com a abertura dos portos às nações amigas pela Família Real.

Garanhuns ainda é a principal cidade do Agreste Meridional de Pernambuco, atraindo todos os anos milhares de turistas, moradores e visitantes. Porém, sua beleza paisagística arquitetônica vem sendo demolida com o passar dos anos. A cada dia as expressões do seu ecletismo são menos vistas compondo suas ruas e praças tão frequentadas por ilustres visitantes e moradores que compartilham entre si o encantamento pela paisagem.

Seu espaço urbano antigo sofre periódicas remodelações e estas nem sempre guardam o devido respeito pela memória. Este, sem dúvidas é um novo processo de gentrificação ao qual o colono impõe ao habitante local sua estética, cultura e explora a terra, sem parcimônia. Refletir sobre aquelas mudanças no século XIX e observar as tendências atuais, só aumenta a insegurança diante do axioma de progresso.

Nas cidades com o melhor ritmo de desenvolvimento que Garanhuns, a arquitetura eclética tão necessária a uma parte da memória é preservada, defendida e valorizada. E nem por isso elas se tornaram lugarejos atrasados, com pouca infraestrutura para comércios, hospedaria e habitações. A preservação dos edifícios históricos não é determinante do engessamento econômico. Ao contrário, pode ser mais um dos seus impulsionadores.

A História de um povo não pode renunciar seus elementos culturais básicos ainda que tenhamos duras críticas a ele. O ecletismo na paisagem nos aporta com uma parte fundamental do processo histórico que trouxe a cidade até os dias atuais. Para entender a conjuntura política, econômica e social que transformou uma pequena vila no interior da Província/Estado de Pernambuco na localidade central do Agreste Meridional em nossa época.

Portanto, estudar essas dimensões tendo o ecletismo na arquitetura como fonte histórica e documental é um exercício que ao mesmo tempo provoca satisfação e desolação. Por constatar que apesar de sua relevância ele pode estar com os dias contados. Como os outros exemplares demolidos, descaracterizados e abandonados que são encontrados pelos bairros e ruas da cidade.

⁵ Disponível em: bloghistoriadegaranhuns.blogspot.com/search?q=Trianon. Acesso em: 22/11/2023.

O ecletismo é o marco da modernização urbana que a cidade sofreu entre o declínio do Império do Brasil e a Primeira República. Só isso já diz o quanto esta história está conectada com as tendências que se expressavam pelo País naquela virada de século e mudança de regime político. Negligencia-la seria uma irresponsabilidade de quem estuda a memória da cidade e um descuido com as futuras gerações, que crescerão sem conhecer sua própria história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Roberto. Disponível em: robertoalmeidasc.blogspot.com/2021/02/o-cinema-de-nossa-infancia-e-juventude.html. acesso em: 22/11/2023.

BARROS, Jose de Anchieta Gueiros Viana de. Disponível em: <http://anchietabarros.blogspot.com.br>. Acesso em: 22/11/2023

BARROS, José de Anchieta Gueiros Viana de. **Memórias de Garanhuns Grandes Nomes da Nossa História**. Ed. S/l, Garanhuns 2020, p. 22.

CARDOSO, Igor. Disponível em: ganhunsintituto.blogspot.com/2015/02/ acesso em: 21/11/23.

CAVALCANTI, Alfredo Leite. **História de Garanhuns**. Centro de Estudos de História Municipal, Pernambuco 1968, p. 35.

FABRIS, Annateresa. Org. **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**, Ed. Nobel/EDUSP, 1997, pp. 181-193.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**, Ed. Perspectiva, 1970, pp.44-52.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. Ed. EDUSP, São Paulo 2021, pp.67-68.

SMERK, George M. APUD CAIAFA, Janice. **A Aventura das Cidades**, Ed. FGV, Rio de Janeiro 2007, p. 32.